

3

TRANSFERÊNCIA PARA A PRIMEIRA SEDE PRÓPRIA: UMA IDENTIDADE EM FORJA

Ao indicar que este tópico trataria da “identidade em forja”, tentei explicitar que, depois de buscar contextualizar historicamente a elaboração de um determinado tipo de identidade docente e algumas das particularidades sociais, políticas e econômicas da Zona Oeste carioca, eu procurarei, não apenas indicar as expectativas criadas em torno da nova escola, quando esta passa a ter sua primeira sede e a elaborar suas primeiras tradições, mas também, de que forma todo este conjunto de elementos são elaborados por professores e alunos, dinamizando o processo de estratégias identitárias que entendo matizar aquele “dar a ler” em sociedade.¹

Seguindo o texto do já citado Histórico da Instituição elaborado pela secretaria de Estado e de Educação e Cultura destacamos o trecho a seguir:

POSTERIORMENTE, OU SEJA, EM 1960, MUDOU-SE PARA OUTRAS INSTALAÇÕES, AINDA PROVISÓRIAS, Á RUA AUGUSTO DE VASCONCELOS-Nº212-EM CAMPO GRANDE.

No ano de 1960, a escola passa a funcionar, portanto, em seu primeiro prédio próprio. Curiosamente, se tratava de um galpão de laranjas, as mesmas laranjas que contribuíram para revitalizar a economia da região. Estariam as bases econômicas servindo literalmente como elemento de sustentação para a nova imagem simbólica que se ambicionava instituir?

A professora J foi convidada a integrar a equipe docente da instituição, novamente por iniciativa do vereador Miécimo da Silva, conforme recorda:

[...] então ele me convidou para ir para escola Normal. Falou: - “Professora J, a senhora nos acolheu muito bem, **eu** estou precisando de professor de metodologia, tem que ser professora primária com experiência, a senhora tem uma vasta experiência. Isto é em agradecimento pela acolhida”, porque eu nunca criei problema, vinha um servente reclamava, tinha o recreio das normalistas, depois tinha o recreio das crianças, eles tinham que limpar depois. Porque ninguém mais do que eu reconhecia a

¹ Como não lembrar a icônica citação de Chartier sobre História Cultural: “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

importância de ter professora residente em Campo Grande, que conhecia a região, a nossa cultura estava, que integrada na nossa comunidade e não iria ter mais aquela rotatividade de professor que era uma coisa horrorosa, começava o ano e não tinha professor, o professor pedia transferência e você ficava esperando o professor chegar e eu sofri isso. O quê? Dois anos como subdiretora e mais os outros anos. (grifo meu).

Destaca-se o fato de que o convite fosse feito pelo vereador, já que a escola na época era dirigida pelo professor Niel Aquino Casses. Além disso, o uso do termo “eu” também parece bastante elucidativo, indicando – aparentemente – que o político considerava a escola como um território próprio². Curiosamente foi este “sentimento de posse” em relação à escola que gerou o afastamento entre a professora e o político. Segundo ela, a ingerência deste na instituição passou a incomodá-la; aliás, a ela e à professora Sol Garson Passi, diretora entre 1962 e 1966.

As atitudes delas, procurando limitar a presença de Miécimo na escola, foram mal recebidas e, a isto, J. atribui o indeferimento de sua indicação à diretora da escola em 1967. Conforme se pode depreender do registro contido no recorte de jornal cedido pela professora, o veto a sua nomeação pode ser devida também às alianças políticas entre Miécimo e o prof. Geraldo Sampaio.

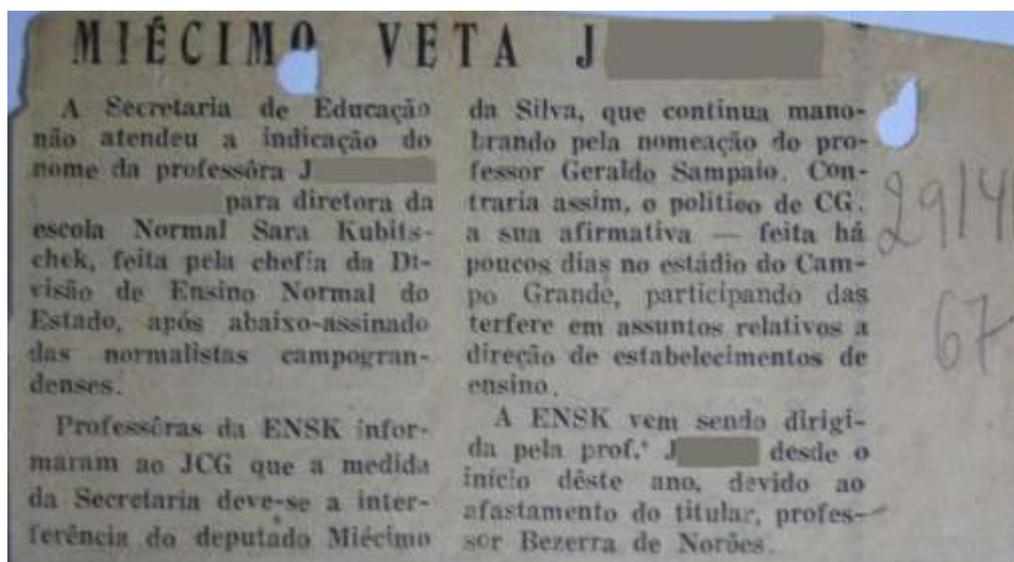


Figura 6 – Recorte retirado do Jornal de Campo Grande (29/04/1967)

² Outra de nossas entrevistadas diz se lembrar que o irmão do Vereador, Daniel Silva exercia algum cargo “na secretaria, pois vivia lá”

A entrevistada lembrou inclusive, que, em um evento social, o político teria dito: “No Sarah só entra diretor que eu aprove”.

Creio ter ficado patente a influência de Miécimo e de outros políticos na vida administrativa da escola normal, em sua identidade e na própria formação da identidade de seus alunos.

Em sua primeira sede própria, a ENSK vai estabelecendo seus próprios rituais, produzindo seus próprios veículos de expressão e comunicação³ e, a exemplo de suas congêneres mais antigas, passa a ser considerada como uma instituição, cujo ingresso era tarefa das mais árduas.

Na época em que elaborava minha dissertação tive acesso a uma cópia do primeiro número de um jornal de turma da ENSK, curiosamente intitulado de “Os Intocáveis”. Acredito que ele possibilita entrar em contato com alguns indícios de como os alunos foram se apropriando do novo espaço, assim como entrever parte do processo de construção de uma identidade social para instituição.

Na publicação, os alunos dizem se perceber como jovens que crêem que a “[...] juventude é uma época de fermentação e não de cristalização [...] [e entendem que nas] escolas deveríamos atrapalhar a todo instante o processo de cristalização e incentivar por todos os meios as atividades de fermentação no bom sentido”. Ao que parece, o bom sentido por eles assinalado, seria o sentido de mudança sem trazer consequências profundas para a ordem social, mas enfatizando as transformações positivas para o desenvolvimento do país.

Antes de discorrer sobre o exame de seleção à Escola Normal, gostaria de tecer alguns comentários sobre uma nova tradição, algo que entendo como um verdadeiro “ritual”, conferindo legitimidade ao rigoroso processo de seleção para ingresso na escola. No ano de 1963, a primeira colocada recebeu com orgulho, das mãos do Administrador Regional de Campo Grande, o distintivo de normalista, símbolo que integra o uniforme e representa a própria marca identitária da ENSK.

Para a entrevistada, aquele momento ficou registrado pela presença de seus pais e pelas emoções que recorda ter vivido. Emoções que ela assim relata:

³ No Instituto de Educação, por exemplo, foram publicadas revistas discentes, como a revista *Instituto*, publicada no ano de 1941 e a revista *Normalista* que foi editada entre os anos de 1948 e 1953.

Naquela foto, o administrador regional está colocando a estrelinha da 1ª série no colarinho do meu uniforme. Era uma parte da cerimônia. Por ter tirado o 1º lugar, fui chamada para representar todos os alunos que estavam iniciando o curso normal naquele ano (1963). Era uma aula inaugural, creio eu. E eu fiquei orgulhosa de estar ali. Aquele dia foi o coroamento dos esforços meus, de meus pais e de professores, pois todos estávamos envolvidos no projeto de eu ser professora. Eu estava ali representando tudo isso e era o que eu realmente sentia: satisfação pelo dever cumprido, por mais uma etapa vencida e por ver um caminho imenso se descortinando à minha frente. Era menina pobre, que tinha dificuldades, mas que tinha sonhos, perspectivas e que lutava com a certeza da vitória. Era uma época mais previsível. Naquele momento, eu começava a adquirir minha independência financeira, pois em três anos estaria formada e empregada no Estado da Guanabara (o acesso era automático)⁴. Estava muito compenetrada no meu papel de representante do grupo, mas estava alegre e consciente da importância do passo para alcançar meu ideal; havia um sentimento de tranquilidade quanto ao futuro, em mim e em meus pais (imagine, eu ainda não tinha completado 16 anos). Esse dia foi especialíssimo na minha vida, pois foi o início do meu Curso Normal, onde me tornei professora, uma das coisas que mais gostei de ser na vida. Ser professora me trouxe trabalho, realização de muitos sonhos, amigos, alegria de ter sido peça importante na formação de tantas crianças e jovens, enfim, felicidade!

O exame de seleção criou uma verdadeira “indústria de preparação”. Dois cursos Cesário de Melo e Riel⁵ disputavam os candidatos, com direito a anúncios de meia página nos jornais locais e panfletos colados em inúmeros postes da região. Estes panfletos destacavam os bons resultados obtidos, informando os primeiros colocados na classificação geral e por disciplina. De acordo com N., “pelo menos uns duzentos postes de Campo Grande, receberam estes panfletos”.

Os entrevistados foram unânimes ao afirmar o quão difícil era à aprovação no concurso de seleção para ingresso na ENSK, da mesma forma que enfatizaram o orgulho que sentiram por serem aprovados, como expressa N.:

⁴ Até o ano de 1968 os formandos das Escolas Normais Públicas tinham ingresso automático na rede pública de ensino, uma vez formados “Tomavam Posse” escolhendo de acordo a classificação obtida ao término do curso normal a qual atuariam. Os formados em 1969 já tiveram que prestar concurso público para que ingressassem na rede, concurso este que foi realizado em janeiro de 1970. A razão desta mudança de data do final da década de 50 com os substitutivos Lacerda que segundo Sônia Lopes defendiam interesses das escolas privadas.

⁵ Todos os nossos entrevistados estudaram no curso “Cesário de Melo” a única exceção foi (R); aluna do curso Riel, que infelizmente não preservou nenhum registro deste período.

O processo de seleção daquele ano (1963) foi extremamente criterioso e seletivo, uma vez que – lembro bem – todas as matérias eram eliminatórias, inclusive Língua Estrangeira. Por ser um verdadeiro vestibular, a maioria fez o que se chamava Pré-Normal e onde o Curso Cesário de Melo, junto com o Curso Riel, ambos em Campo Grande, competiam acirradamente para alcançar os primeiros lugares. E, o Cesário de Melo, onde fiz o meu Pré-Normal, estava sempre lá, nos primeiros lugares. Afinal, era o inesquecível Professor Passos em Matemática, Prof. Alcir em Português, etc. A redação de Português foi uma interpretação do texto de Machado de Assis intitulado “A Borboleta Preta”. Para a prova de Língua Estrangeira optava-se por Inglês ou Francês. Apesar da inocência e do frescor da adolescência em seus primórdios, constatei que aquela foi uma das maiores alegrias das vidas dos meus pais, avós e tios. Um tanto surpresa com toda aquela emoção dos meus pais, só depois eu iria saber, que de certa maneira, parte da missão desses pais estava cumprida... Enfim, eu tão jovem, já era uma funcionária pública e não sabia o quanto isto seria de vital importância por toda a minha vida!

A entrevista a seguir, destacou pontos que considero particularmente relevantes:

Desde pequena, meus pais diziam que eu gostava de brincar de dar aulas para as bonecas. (Tinha poucas, pois a situação financeira não permitia quantidade). Estudei em escola pública até o admissão⁶, assim se chamava antigamente. Terminei o primário e com muito sacrifício passei a estudar em escola particular, pois o curso ginásial no público era coisa rara. No ginásio⁷ (antigo), despertou o que eu trazia guardado no meu interior: ser professora, porém era difícil seguir este caminho, pois meus pais eram pobres e eu terminei o curso com muito sacrifício. Meu colégio era fraco, apesar de fazer parte do grupo dos "bons alunos".

Por ser esforçada, vieram “as ajudas” (sic) dos parentes para fazer Pré Normal, curso que sempre se esperava completar em um ano, era caro e só **filhinhas de papai** conseguiam fazer.

Consegui fazer durante um ano, graças a Deus e a muito esforço de minha parte, pois eu não teria condições de pagar outro ano. Mas vamos ao que interessa. Estudei muito, não se tinha sábado, domingo, feriado, nem manhã, nem tarde, nem noite. O objetivo era um só: passar para a Escola Normal! Vieram as inscrições; que alegria e emoção, já me sentia importante! E o curso tirava meu último suor até a véspera da prova.

Chegou o grande dia, a prova foi no Instituto de Educação; muitas tinham o pai e mãe para acompanhá-los, eu só tinha o dinheiro do trem e do ônibus; cheguei duas horas antes, talvez.

⁶ O exame de admissão compreendia as provas realizadas pelos alunos para o ingresso no ensino secundário, que se tornaram de caráter nacional pelo Decreto N° 19.890 de 18 de Abril de 1931.

⁷ Com a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Secundário, em 1942, o ensino passou a se estruturar em dois ciclos o primeiro que se chamava ginásial e um segundo ciclo subdividido em clássico e científico.

Primeira prova de matemática. Que sufoco: era a que achava que tinha mais dificuldade! Voltei da prova nervosa, mas a convicção que havia passado pela 1ª etapa, e tome cursinho. Saiu a nota e... Passei! Tome cursinho novamente para a prova de Português e as outras matérias. A prova de português me deixou cheia de dúvida, e achei que não havia conseguido. Arrumei minha mala e comecei umas férias por minha conta na casa de uma irmã. Aí veio a surpresa e alegria total, recebi uma ligação do curso para eu retornar, pois estava na lista dos aprovados e deveria voltar para continuar a revisar as matérias restantes. Por sorte não eram eliminatórias. Fui classificada! Que alegria! Que orgulho! (H.) (grifo meu)

Creio ser interessante comentar este depoimento à luz dos construtos teóricos de Lawn, D’Avila e Dubar⁸. Creio perceber que, de forma semelhante ao que ocorria no Instituto de Educação, o rigoroso exame de seleção do Sarah Kubitschek tem muito a dizer a respeito da expectativa acerca de “para quem” esta escola se destinava e de certa forma quais as expectativas em torno da instituição. Entendo que, a exemplo do que D’Avila identificou no Instituto de Educação da Tijuca, também em Campo Grande se ambicionava criar uma elite de professores.

Na verdade, além das provas de matemática, português, língua estrangeira etc., lá também foi instituído o exame físico. Uma de nossas entrevistadas (N) lembra que seu pai conseguiu dinheiro emprestado para que ela “arrumasse os dentes”, pois uma saúde bucal ruim seria motivo de desclassificação. “Até abreugrafia nós tínhamos que apresentar”, comenta ela. N. lembra que uma das alunas, cuja saúde apresentou problemas, “foi barrada pela Dona Sol. Ela se formou com a gente, mas não pode tomar posse, porque tinha problemas de saúde. Parece que anos depois ela acabou conseguindo tomar posse. [...] era uma coisa rigorosa, você tinha valores⁹, você tinha que cultivar valores”.

N. declara sua consternação com a “decaída” da escola anos mais tarde, provocada, segundo ela, “porque nível de pobreza passou a ganhar ponto, quem falava que o pai tinha abandonado, que era muito pobre ganhava ponto no exame”. Destacamos inclusive, que todos os nossos entrevistados, sem exceção, de uma forma ou outra, aludiram ao fato de que anos depois a escola “passou a nivelar por baixo”. R., por exemplo, chegou a dizer que poucos anos depois: “qualquer uma de ‘pé rachado’ podia ser professora”.

⁸ Alguns destes conceitos já foram inclusive utilizados no capítulo anterior, quando nos detivemos em alguns momentos da trajetória histórica de construção da identidade docente.

⁹ Aparentemente a aprovação no exame configurava-se como uma conjugação, a um só tempo, de: excelência física, intelectual e posse dos valores “certos”.

N. nos contara, no início da entrevista, que sua família era muito pobre, que na mais tenra infância ela trabalhara em uma fábrica de balas e que durante o ano de preparação para o concurso trabalhara como cabeleireira. Mesmo assim, a aprovação em um rigoroso exame classificatório, parece efetivamente indicar mais do que o ingresso em uma escola de formação, a entrada em um **mundo de valores**. Da mesma forma que Dubar¹⁰ já atentara para o fato de que a construção de uma identidade pode se escorar em valores de um grupo no qual não se pertença **objetivamente**, mas que sirvam de referência, entendemos que passar pelo crivo de uma seleção que, supostamente, se destinava às “filhinhas de papai” – repetindo a expressão de uma entrevistada – parece ser também a chance de, por mais pobre que “objetivamente” aquelas pessoas fossem, poder agregar os valores que as elites partilhavam.

Mas que valores seriam estes? Cremos que as “filhinhas de papai” espelhavam o padrão das normalistas do Instituto de Educação da Mariz e Barros. Tanto é assim que, ao descrever seu primeiro dia de aula, H. nos diz:

No dia da apresentação na Escola Normal fiz o cabelo, engomei os punhos e o colarinho, sapato engraxado, luvas branquinhas postas no cinto e lá fui eu. Quando peguei o ônibus para o centro de Campo Grande (pois eu morava distante) todo o cuidado era pouco. Queria chegar impecável. Quanta alegria ao rever os amigos que haviam conseguido também! Perfilados ouvimos os discursos, o Hino Nacional e participamos do hasteamento da bandeira [...]. Vestida de azul e branco, que beleza, trazendo um sorriso franco [...].

A evocação que H. faz às estrofes da música “Normalista”, escrita em 1949, ou seja, tomando como “sua” uma imagem de normalista consagrada há mais de uma década, nos remete à consideração de Dubar (1997) sobre **identidades herdadas**. Lembramos que, para este autor, as **identidades visadas** pelos indivíduos são estabelecidas a partir da aceitação ou da recusa das identidades precedentes.

Os mecanismos que levam ao aceite ou recusa destas identidades herdadas são instituídos a partir da maneira como elas são reconhecidas pelas instituições legítimas e pelos agentes diretamente relacionados com os sujeitos em causa. Ao escrever minha dissertação, tinha sempre em mente que me debruçava sobre uma escola que, desde seu início, foi pensada a partir do modelo do Instituto de

¹⁰ Como já indicado.

Educação e, obviamente, a partir de seus valores também. Uma herança aparentemente legitimada por todos; dos políticos aos jovens da região.

No depoimento de A., citado a seguir, se percebe um grande apego ao uniforme de normalista. Cumpre ressaltar que o uniforme do ENSK fora criado há apenas três anos, portanto, creio que “o orgulho e ponta de vaidade” que faziam com que ela se vestisse “garbosamente”, reflete um status herdado, consagrado pelo uniforme do Instituto de Educação. Esta é a sua descrição de seu primeiro dia de aula:

Lembro-me (e tenho a foto) do meu primeiro dia ao vestir meu uniforme: a saia bem pregueada, a blusa branca impecável, as abotoaduras, a estrelinha azul indicando a série e os sapatos brilhando de tão lustrados que eram. Era com orgulho, uma ponta de vaidade, que me vestia e saía garbosamente, sentindo a minha conquista. Não havia desleixo: sabíamos da importância no bem trajar. Éramos as futuras professorinhas, aquelas que serviriam de agentes propulsores na formação dos futuros alunos. **Éramos modelos a serem seguidos**, a tese da educação pelo espelho, esta que realmente funciona, pois não adianta pregar o que você não faz. Lembro-me dos queridos professores, do empenho destes para que, ao concluir o curso, estivéssemos aptas (os) a enfrentar e resolver as situações futuras. Ano difícil foi o terceiro deste curso, pois éramos professorandas! O mesmo que "assoviar e chupar cana". Tínhamos todas as responsabilidades de uma professora, mas ainda não éramos professora. Digamos que fazíamos um estágio, mas mesmo assim superamos. **Havia solenidades em que hasteávamos a bandeira e cantávamos os hinos, sempre com bastante emoção** (grifos meus).

O uniforme também faz parte das lembranças de S., que não se furta a enfatizar o valor simbólico do mesmo:

O uniforme simbolizava a concretização de uma vitória e, para muitos, de um ideal. Havia toda aquela coisa do “status” de uma normalista e eu me recordo que a saia pregueada abaixo dos quadris era de um tecido cujo nome o tempo apagou ou “amassou”, pois, tome de passar, passar o ferro e ao menor descuido ao sentar, amassava tudo! A primeira vez que vi tergal foi lá na Escola Normal. A colega se sentou à vontade e mostrou que, ao se levantar, as pregas continuavam intactas! Mágico!

Em um mecanismo que considero fascinante, o **tradicional** traz para aquela localidade a **modernidade**. “O que se está tentando explicitar é que, ao inaugurar uma Escola Normal no Sertão Carioca, esta era na verdade um “corpo estranho” no seio daquela sociedade, e que, por meio de algo que entendo como

um “intricado mecanismo de identificação”, a escola tomou para si, os valores, o *modus faciendi* do Instituto de Educação da Tijuca. Este processo pode ser interpretado como uma “simples” consequência do fato de muitos dos primeiros professores do ENSK serem egressos da Mariz e Barros. Acredito, entretanto, que da mesma maneira como, para a política local, a implantação da ENSK significava a importação de um símbolo de modernidade – tal como a nova capital, para os alunos, também se tratava da incorporação de um novo status social.

As entrevistas, os recortes de jornais, as fotos a que tive acesso, me fizeram lembrar “A invenção das Tradições”¹¹. Segundo Hobsbawm (1984):

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. "(HOBSBAWN, 1984, p. 9)

De forma um tanto paradoxal, foi no apelo à imagem de uma instituição que na época tinha quase já trinta anos, foi no recorrer à tradição, que a sociedade da Zona Oeste procurou construir uma imagem “menos sertão” e “mais cidade”. É intrigante tentar encontrar exemplos deste processo. Pensar o quanto, na verdade, ainda era ermo e distante o local no qual a escola se inseria.

Como não se fascinar diante do relato de F.? Nele, ela descreve outro novo símbolo a ser reverenciado na região: o anel de formatura. Representativo e eloqüente, como ela o classifica, ele não era mais um anel “conquistado” por aquelas que haviam sido formadas no Instituto de Educação, eram designadas para as escolas da zona rural e que, muitas vezes, tão logo fosse possível, pediam remoção para outras localidades. Não! **Este era** um anel “sertanejo”:

Ah! E o anel?! Pomposo, altivo com a estrela de ouro branco (ou de prata...), cravejado com um brilhante (verdadeiro ou não...), estrela esta que pousa solene sobre o negro da pedra de ônix e os símbolos nas laterais... Altamente **representativo** e como era **eloqüente**... Quando minha mãe, professora também, terminou de colocar o anel em meu dedo, papai pegou, tremulamente, a minha mão e... beijou o anel! Fiquei encantada e feliz pela felicidade deles (grifos nossos)

Na época do Mestrado, só após algumas entrevistas, pude entender que a ENSK, naquela época, se resumia a duas ou três salas e um pequeno corredor,

¹¹ Hobsbawm e Ranger (org.). 1994

neste exíguo espaço, naquele galpão de laranjas – sim as mesmas laranjas que haviam dinamizado a economia da região – permitindo que se construíssem as “novas tradições de uma região tradicional”.

Ao observar a foto abaixo, pode-se notar uma normalista meticulosamente bem penteada, segurando nas mãos um par de luvas brancas, parte do vistoso uniforme que trajava. Sua elegância apurada chega a contrastar com a singeleza do prédio da escola, em nada parecido com o majestoso Instituto de Educação.

Portanto o estudo assinala que para os políticos locais – particularmente para Miécimo da Silva que aparentemente julgava a escola como sua – a visibilidade era uma “meta”.



Figura 7 - Normalista

Quando questionados, os egressos da ENSK tinham uma resposta bastante clara a respeito do que significava se tornar professor naquele período. Que tipo de compromissos eram esperados. Abaixo algumas respostas do entrevistado C.:

O jovem professor, antes mesmo de sua formatura (no terceiro ano normal) assumia a responsabilidade de regência de uma turma, com uma média de 45 alunos, com diferentes faixas etárias. Eu, por exemplo, à época com 17 anos, sem nenhuma experiência anterior (o estágio era naquela oportunidade), assumi uma turma de 47 alunos (quinta série) com idade variando de 9 a 14 anos (eu tinha 3 anos a mais que meus

alunos mais velhos). **Tinha responsabilidade não só de transmitir conhecimentos, como também de desenvolver atitudes e habilidades, isto é, preparar na criança o futuro cidadão.** A presença da orientadora (três visitas no ano) servia apenas para avaliar meu desempenho naquele momento. Só isso. A responsabilidade que nos cabia era a mesma de um professor mais experiente e o resultado dependia da capacidade, esforço e dedicação de cada um de nós.

Por outro lado, cabia-nos a responsabilidade pela continuidade de nossos estudos, preparando-nos para realizações futuras.

O professor, em qualquer época, será sempre um ser humano especial, predestinado. No entanto, com referência à profissão, por certo, houve mudanças com o tempo. O professor, na década de 60, Era muito melhor preparado do que hoje. Naquela época, o curso normal era ministrado só por escolas públicas específicas, onde o ensino, sem dúvida, era o melhor. Hoje, são formados professores “em qualquer lugar” com um ensino deficiente e com uma dedicação duvidosa, salvo algumas exceções. O reconhecimento do trabalho do professor, naquela época, era demonstrado, através do carinho e respeito dos alunos dos pais dos alunos e de toda a sociedade em geral. Hoje, a figura do professor está desacreditada, carecendo de total reconhecimento, sem falar em carinho e respeito. Até mesmo, do ponto de vista financeiro, àquela época, ainda se sobrevivia com o salário de professor. **Esses comentários referem-se, especificamente, ao professor primário, que é o principal responsável pela educação (formação e informação) da criança, num trabalho conjunto com a família** (grifos meus).

A maior parte daqueles que, então, entrevistei, enfatizaram que seu grande compromisso era para com “o futuro cidadão”. Cito mais uma vez a dissertação de Rodolfo Ferreira (1994), quando este, ao esquadrihar a forma como o docente é identificado pela imprensa na década de 1950, verifica a predominância de imagens que evocam os professores como aqueles que se encarregavam da “nobre missão”, cujo objetivo primeiro era o “apuro da personalidade e do caráter do educando”.

Ao longo da pesquisa observei que os entrevistados, ao refletirem acerca dos compromissos que lhes cabiam como professores mencionavam em sua grande maioria o patriotismo.

Nossa próxima entrevistada L. fez questão de salientar o prazer que sente ao recordar seus “anos de normalista”:

Muito me honra participar dessa pesquisa, pois ela me remete a tempos felizes que passei com grandes pessoas e que se tornaram grandes profissionais sem perderem a sensibilidade inerente ao verdadeiro educador.

Por outro lado o estudo ressalta que também se estabelece correlações entre a docência e seus “deveres patrióticos”, posto que para ela sua responsabilidade era a de: “Formar cidadãos com um alicerce amplo, sólido e com "n" possibilidades para acolher novas informações e reflexões”.

Por último, L. tece comentários acerca da forma como o docente era percebido “em sua época”, um período no qual, segundo ela, ser professor:

Significava ser respeitada, ser valorizada e valorada adequadamente, ser importante e até venerada pela sociedade de então. Era ser o máximo! Na época os profissionais mais respeitados eram: professor, médico, artista (pintor, escultor e “músico”), militar e sacerdote religioso (independente da religião).

Este último comentário nos remete, novamente, ao valor simbólico que o sertão carioca aquinhoou ao poder contar com uma instituição que formava profissionais cuja importância parecia não ser questionada. Pessoas que sentiam que sua profissão fazia com que fossem “venerados pela sociedade” e por isso deveriam estar sempre cientes de seu papel. No contato que tive com H. ela ressalta o apuro com que se dedicava às suas responsabilidades:

(...) com o desenvolvimento pleno dos alunos que nos eram entregues. Trazer a família para reuniões periódicas com a escola, onde havia troca de informações sobre os alunos e aproximação da escola com a realidade de cada aluno, facilitando o trabalho de desenvolvimento individual.

Como era ser um professor na década de 60? Mesmo sendo bem jovens como éramos, na maioria com idade entre 18 e 20 anos, assumíamos a responsabilidade de trabalhar com turma de crianças pequenas, ter contato com as famílias e desenvolver as crianças nos aspectos intelectual e emocional.

Havia uma grande preocupação com cada uma das vidas que nos eram entregues temporariamente e, por isso, além do desenvolvimento intelectual, **procurávamos desenvolver valores como companheirismo, amizade, honestidade, respeito ao colega, amor à pátria (cultivo do sentimento de fazer parte do desenvolvimento do país através da seu progresso pessoal)** e desenvolvimento da auto-estima de cada aluno. O estudo era sempre valorizado como meta de uma vida melhor.

Nossos alunos da época são hoje quarentões que sentem saudades da escola! Sobre sua pesquisa, A responsabilidade era

grande, pois antes da formatura já se tinha uma turma com mais ou menos 40 alunos sob nossa batuta. Que saudade! Se estudava e se trabalhava! No 3º ano do curso Normal, se levava a marmitta para a escola e dali se ia para outra escola onde as crianças estavam aguardando ansiosamente (Se vivia dois instantes bem diferentes: o de aluno e o de mestre), sem esquecer que havia uma coordenadora e professora de prática de ensino observando. Como professor se tinha autoridade! O aluno mantinha respeito. Eu me considerava, às vezes, até a mamãe que dava carinho quando não se tinha o suficiente em casa! Se dava pequenos castigos e não se era censurado. O amor que se tinha pelos "guris" borbuhlava em nosso olhar. Brincava, brigava, acariciava, educava e muitas vezes se fazia o trabalho de um psicólogo! O apoio e o carinho dos pais presentes era grande. Me lembro, perfeitamente, quando alfabetizei e escutei da aluna o seguinte: “Nunca vou esquecer a senhora, pois até conhecê-la não vivia feliz, não sabia ler” Ser professora na década de 60 era gratificante!(grifo meu)

O convite, aliás, parece traduzir a concepção daqueles formandos acerca da profissão que passavam a integrar¹². Que dizer do hino daquela turma, apresentado logo nas primeiras folhas do convite e que, escrito por Dom Marcus Barbosa¹³, mescla alusões ao “Pequeno Príncipe” com um forte apelo a ideais missionários/religiosos¹⁴:

Doce asteróide é a escola,
 Dela terás de voar;
 Algo, porém te consola:
 Irás amigos buscar.
 Normalista, Normalista!
 Não importa viver muito,
 Mas importa como vivas:
 Tu te tornas responsável
 Por aquilo que cativas.
 O coração é que sabe,
 Os olhos não sabem ver.

¹² Concepção esta que consideramos estar de acordo com aquela verificada nas entrevistas que pudemos realizar.

¹³ Dom Marcos Barbosa foi tradutor para língua portuguesa do livro “O Pequeno Príncipe”. Obra que teve grande repercussão no mercado editorial da época. O convite para ser paraninfo da turma foi feito por uma comissão que compareceu a um programa da rádio Jornal do Brasil do qual o mesmo participava. Momento que ficou registrado em foto (Anexo 11)

¹⁴ Embora acreditemos que a escolha de um sacerdote católico como paraninfo demonstre uma predominância daquela religião, nos chamou a atenção o fato de que, além da missa celebrada em uma igreja de Campo Grande (ao final da qual foi distribuída um “santinho” (em anexo) as solenidades religiosas de formatura compreendessem também cerimônias celebradas em um centro Espírita e em uma Igreja Batista.

O que naqueles não cabe
 Só este pode conter
 Tua missão: criar laços
 Unir os homens na luz.
 Por isso, abre teus braços
 Seja teu corpo uma cruz.

O patrono da turma foi o presidente americano John Kennedy¹⁵, que, no discurso de formatura, é apresentado como um “homem universal”, deixando transparecer uma certa admiração por um “ideal de vida americano”, mas também uma escolha que para a oradora da turma traduz:

O orgulho da missão a que nos propúnhamos: manter viva em nossa geração e para as gerações futuras a mesma chama com que ele iluminou o mundo [...] a turma que escolhe para seu patrono John Fitzgerald Kennedy pode orgulhar-se de si mesma, pode orgulhar-se de sua missão na Terra.

É em termos de missão que a profissão é celebrada ao longo do discurso. Deixando transparecer a forma pela qual o viés missionário, permeado de imagens que remetem a uma formação cristã, era reverenciado pelos formandos.

O professor jamais terá a face coroada de espinhos, mas ele sente a doçura dos espinhos de Cristo na responsabilidade, no compromisso assumido perante a humanidade. Por suas mãos passa uma geração, passa o futuro de uma pátria. Não professor, “não fostes vós quem escolhestes. Fui eu quem vos escolhi e destinei a dar frutos, frutos que permaneçam”[...] Colegas, o nosso fardo é pesado, a cruz era pesada, mas ninguém, ninguém escolheu profissão mais bela que a nossa. **Somos semeadores** vamos florir a terra de rosas depositando no coração de cada criança as sementes, o amor daqueles que nos fizeram professores”. (grifos meus).

Importa sempre ter em mente que, como afirma Halbwachs, não há memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior (HALBWACHS, 2004: p. 78; 81). Este trabalho entende, portanto, que estes “semeadores” representaram

¹⁵ John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), político norte americano, foi eleito presidente em 1960 e assassinado em 1963. Foi o mais jovem presidente eleito nos Estados Unidos e o primeiro norte americano de ascendência irlandesa e religião católica a ocupar a Casa Branca. Em 22 de novembro de 1963, durante visita à cidade de Dallas, no Texas, o Presidente Kennedy foi atingido fatalmente por duas balas. Os tiros foram disparados por Lee Oswald, que foi preso e dois dias depois foi morto a tiros diante das câmeras de televisão.

um marco identitário para a ENSK, pois menos de 3 anos depois os critérios para ingresso na instituição mudaram – “abrindo a porta para os pés-rachados” (N) - e os formandos deixaram de fazer parte automaticamente da rede pública de ensino. Não havia mais a sensação “que de certa maneira, parte da missão desses pais estava cumprida...”. A geração de normalistas tão enaltecida nas entrevistas, nos recortes de jornais da época e na memória dos moradores da Zona Oeste, a geração que tanto marcou o passado glorioso “do Sarah” paradoxalmente nunca estudou “no Sarah”, pois o Instituto de Educação só foi criado em 1978.